BRASIL E GRÃ-BRETANHA DISPUTAM O TERRITÓRIO MAKUXI

STEPHEN G. BAINES
Universidade de Brasília

Este livro* de Peter Rivière é um estudo detalhado dos eventos, transcorridos no período de 1838 a 1843, de uma disputa entre os o Brasil e a Grã-Bretanha sobre a fronteira, então indefinida, entre o primeiro e a antiga Güiana Britânica (atual República da Güiana). Em 1838, Thomas Youd, um missionário britânico, estabeleceu uma missão em Pirara, local que ele acreditava ser na Güiana Britânica. A presença da missão foi contestada pelo governo brasileiro, que pediu sua retirada. Em resposta, o governo britânico enviou um destacamento de tropas para expulsar os brasileiros que ocuparam o local após a retirada de Youd, e uma comissão de delimitação de fronteiras. Os dois governos optaram por resolver a disputa através de negociações diplomáticas, e as tropas foram retiradas.

O relato e análise dos eventos, como afirma o autor (: x), tem um viés britânico, por existir mais documentos britânicos do que brasileiros sobre a questão. Peter Rivière revela a complexidade dos processos de construção do império, apresentando as perspectivas dos atores sociais. Ao procurar deixar espaço para as vozes dos protagonistas "fisicamente envolvidos" (: x), citando amplamente documentos da época, o autor mostra como estes, por sua própria presença, e com os motivos pessoais mais diversos, e mesmo sem intenções políticas conscientes no caso do missionário Youd, de-

---

* RIVIÈRE, Peter. 1995. Absent-Minded Colonialism: Britain and the Expansion of Empire in Nineteenth-Century Brazil. London, New York: Tauris Academic Studies, I.B. Tauris Publishers. 194 p.

Anuário Antropológico/95
Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996

sempenharam papéis na história da luta territorial entre os impérios brasileiro e britânico na primeira metade do século passado.

O livro é um estudo de caso, na forma de uma narrativa, do desenrolar local, nas fronteiras de duas nações, do processo de expansão imperialista. Pirara foi um local importante nas rotas de comércio indígena entre o litoral do Caribe e a bacia amazônica, por onde passavam bens manufaturados holandeses desde a primeira metade do século dezessete. A construção do Forte São Joaquim em 1775 e 1776 e a presença permanente dos portugueses na área foram uma resposta à incursão espanhola no rio Uraricoera. Quando as colônias holandesas de Berbice, Demerara e Essequibo, no litoral Caribe, finalmente se tornaram a Güiana Britânica em 1831, alguns britânicos começaram a se interessar pelas savanas do Rupununi no interior. Tanto no alto rio Branco como no Rupununi, a população não-indígena era muito escassa, e Rivière estima que a indígena era de 5000 ou mais indivíduos (: 6). Somente a partir do final do século XIX, a maior parte das terras das propriedades estatais, situadas na margem esquerda do rio Branco e no vale do rio Tacutu, preservadas até o início do século XX em virtude de seu valor estratégico na disputa de fronteiras com a Güiana Inglesa, tornaram-se objeto de ocupação particular (Santilli 1994:23).

Rivière revela que as relações anglo-brasileiras na época eram tingidas pelo fato de que, após a declaração de independência do Brasil em 1822, o governo britânico tentou pressionar o governo brasileiro a abolir o comércio de escravos, criticando os descimentos (: 78). A *Royal Navy* efetivou a supressão da escravidão a partir de 1839, capturando navios de escravos em território marítimo brasileiro e realizando incursões em terras brasileiras, o que se repercutiu numa profunda hostilidade com relação à Grã-Bretanha no Brasil (: 8).

O autor revela que, desde 1833, John Armstrong, catequista da *Church Missionary Society*, após visitar Pirara, escreveu uma carta ao comandante do Forte São Joaquim pedindo-lhe que acabasse com a escravização, por brasileiros, de índios, "cidadãos britânicos", ameaçando informar o governo britânico (: 11). Youd, que prosseguiu com o trabalho de Armstrong, empenhou-se em "eradicar o que ele viu como os males da vida indígena — o consumo de bebida alcoólica, a dança, e o xamanismo". Impunha, também, a observação do domingo como dia de descanso, "corrigia" a maneira como os índios plantavam, e interferia na divisão do trabalho indígena segundo o sexo (: 12-13). Como em todas as histórias dos primeiros contatos intensi-

vos entre índios e sociedades invasoras, a vinda do missionário foi acompanhada por epidemias de doenças introduzidas desastrosas para os índios (: 15).

Contudo, os índios não permaneceram passivos nesta história. No diário de Youd, aparece a exigência dos Macuxi de "aprenderem e serem instruídos como outras nações" (: 22). O zelo missionário de Youd em estabelecer uma missão em Pirara, sem a autorização da sua Sociedade Missionária patrocinadora (: 25), foi tão grande que, conforme observa Rivière, a doença grave de sua esposa, relatada no seu diário e nas suas cartas, aparece como obstáculo aos seus objetivos (: 24). De fato, tanto foi seu zelo que um dia depois de sua mulher falecer em Barbados, em março de 1838, onde ele a deixara dez dias antes, Youd partiu para Pirara. Em março de 1839 Youd se casou novamente. Sua segunda esposa veio a falecer em 3 de janeiro de 1840. Youd aceitou tudo com fé imbalável como a vontade de Deus, como também aceitou com abnegação total as febres (: 56) que resultaram na sua própria morte prematura em 1842 com idade por volta dos 33 anos.

Apesar do zelo missionário de Youd, a sua preocupação exclusiva em evangelização, Rivière mostra, ao longo do livro, que a disputa entre as duas nações sobre o território configurou-se na forma de uma disputa entre as igrejas Católica e Protestante (: 35, 44, 47, 70, 71, 88). Os missionários, dos dois lados, aparecem como emissários do imperialismo, empenhados em ganhar as almas dos índios para "nossa religião" (: 71) em oposição à religião da nação concorrente. O alemão Robert Schomburgk, que chefiava a comissão de delimitação de fronteiras inglesa, apresenta o Capitão Leal, comandante da forte São Joaquim, como homem de "temperamento violento" e com "ódio dos ingleses" (: 36), e recorre a um discurso de proteger os índios da escravização pelos brasileiros (: 37-39) para justificar a ocupação britânica de Pirara.

No final de 1838, o governador da Güiana Inglesa ressaltou a necessidade de definir a fronteira em vista do "estado desprotegido da nossa missão" (: 20). Youd apelou ao governo britânico para transformar os índios em súditos (: 41), e o governador pediu a Youd para incentivar a confiança deles na proteção da Grã-Bretanha. Em resposta, o presidente do Pará chamou atenção à "ofensa grave cometida por uma missão inglesa ao evangelizar índios que eram cidadãos brasileiros" (: 45). Youd respondeu ao capitão Leal que a sua missão era exclusivamente religiosa e de nenhuma

maneira política (: 45). O discurso de Youd, após transferir sua missão para Urwa, na margem direita do rio Rupununi, afirma cada vez mais que os índios eram súditos britânicos, morando em território também britânico (: 47, 63), e que seu governo não poderia ignorar as solicitações dos índios para serem protegidos (: 65).

Rivière descreve o missionário brasileiro, Frei José dos Santos Inocentes, através da perspectiva do naturalista britânico A.R. Wallace, em termos bastante pejorativos (: 59-60), confrontando esta perspectiva com a de alguns brasileiros que "o elogiaram muito por suas ações patriotas e enérgicas, vistas como obstrutoras das intenções imperialistas dos britânicos" (: 60).

A perspectiva dos índios não é abordada diretamente por Rivière, ao enfocar, através dos documentos escritos da época, a disputa fronteiriça em si. Contudo o desejo dos índios de adquirir bens manufaturados aparece, nas entrelinhas, no reconhecimento por Frei José do poder dos presentes sobre eles (: 63). O próprio Schomburgk admitiu sua dificuldade em compreender as relações dos brasileiros com os índios, pois a comissão de delimitação de fronteiras, chefiada pelo Coronel João Henrique de Mattos, não trouxe bens manufaturados para pagar os índios (: 155). Ao mesmo tempo, Rivière revela que a política indigenista da Sociedade Missionária de Youd era de

> inculcar nos índios e nas pessoas de cor nas vizinhanças, que eles mesmos deveriam contribuir para a manutenção da missão, e de que não deveria ser permitido que eles pensem, como têm acontecido, que a missão havia sido estabelecida para sustentá-los [: 46].

Schomburgk ressaltou a necessidade urgente de delimitar a fronteira entre o Brasil e a colônia britânica para transformar os índios, "aterrorizados por ameaças dos brasileiros", em "súditos úteis" (: 66). Argumenta que

> Os índios são os únicos habitantes que têm um direito justo ou natural a seus territórios, mas que sua falta de poder anulou este direito e assim coube à Grã-Bretanha, em que os índios tinham confiança, protegê-los.

Por outro lado, o interesse dos brasileiros era de converter os índios ao Catolicismo e transformá-los em força de trabalho (: 146). Em abril de 1840 Schomburgk foi nomeado comissário de delimitação das fronteiras

pelo governo britânico, e aconselhou ao *Colonial Office* que as tribos (que acompanharam Youd depois da sua retirada de Urwa, rio abaixo, para Bartica) reivindicassem a proteção dos britânicos (: 69). Em Bartica, Youd juntou índios de sete línguas diferentes, onde o Macuxi se tornou a língua franca (: 76).

As críticas britânicas dirigidas aos descimentos foram mal recebidas no Brasil, onde a imprensa refutou o relato de Schomburgk por "ferir mortalmente o nosso orgulho, assassinar nossa reputação, e nos apresentar ao mundo como uma nação bárbara e inculta!" (: 79). Os britânicos mandaram os brasileiros se retirarem dos territórios disputados para deixá-los para as tribos indígenas independentes (: 81). Em 1842 o governador da Güiana Inglesa enviou tropas a Pirara, que seguiram Comissão de Delimitação de Fronteiras. Schomburgk, que dirigia a Comissão, defendia a delimitação da fronteira como imprescindível, mas estava contra o envio de tropas à região (: 86). Youd, com autorização da Sociedade Missionária, acompanhou a expedição militar a Pirara, revelando como a atuação de missionários e o imperialismo eram inextrincavelmente associados (: 88). Os britânicos apresentaram os índios como "sempre hostis aos brasileiros" (: 89). O governador da Güiana revela que seu objetivo era de ocupar Pirara, proteger os índios, consolidar o domínio sobre território e facilitar sua colonização por britânicos, ciente da necessidade de manter relações amistosas com os índios para efetivar seu plano imperialista (: 95). Após a sua ocupação pelas tropas britânicas, foi construída a forte "New Guinea" em Pirara.

A vida de Youd segue o perfil de um herói missionário que morreu, como conseqüência das doenças que contraiu, na defesa dos índios. Agia com convicção, fé, e dedicação, sem perceber que representava a ponta de lança do imperialismo que precede a ocupação do território indígena. Ou melhor, as implicações políticas da sua vocação não lhe interessavam, tão empenhado que estava na evangelização dos índios. Rivière narra duas versões da morte de Youd, poucos dias depois de partir de navio de Georgetown para a Inglaterra. Enquanto Schomburgk atribui a morte de Youd à febre amarela (: 117), seu colega missionário, John Bernau, acredita que ele foi envenenado por um índio que se sentiu ofendido porque ele persuadiu seus filhos a não participar de um ritual. Na versão de Bernau, o índio lhe teria dado três doses de veneno. Youd teria se salvado das duas primeiras doses ao recorrer a um vomitório. Sua segunda mulher, que estava grávida, teria morrido da primeira dose. Na terceira tentativa Youd teria

recorrido tarde demais a um emético e, enfraquecido, veio a falecer duas semanas depois no navio para Inglaterra. Essa versão surgiu em janeiro de 1844, quase um ano e meio após a morte de Youd, e depois que alguns índios contaram que um índio, ao ouvir da morte de Youd, atirou com sua espingarda para celebrá-la. No segundo disparo, sua espingarda explodiu e matou o índio. Como esclarece Rivière (: 118), a explicação se encaixa na interpretação indígena da morte como conseqüência de um ato de feitiçaria. Apropriada neste caso pelo missionário Bernau, reforçou os estereótipos dos brancos quanto ao "índio" como traiçoeiro. As versões da morte de Youd lembram as múltiplas versões da morte de Curt Nimuendaju, mais de cem anos depois, em 1945 (Oliveira Filho 1986: 262-281). Oliveira Filho constata que "À medida que recolhe depoimentos de índios e regionais, a hipótese de morte natural acaba sendo afastada" (Oliveira Filho 1986: 265).

Voltando à disputa sobre a fronteira entre o Brasil e a Güiana Inglesa, Rivière realça o medo expresso pelo Presidente do Pará, Silva Pontes, ao reiterar a opinião do comandante militar do Alto Amazonas que a ocupação militar de Pirara pelos ingleses fosse o primeiro passo do avanço dos britânicos à bacia do Amazonas, medo reforçado pelas recentes revoltas da cabanagem e pela desconfiança quanto à lealdade de alguns protagonistas brasileiros que haviam participado dessas revoltas (: 153). Essa ocupação militar repercutiu-se numa ferrenha campanha anti-britânica na imprensa local (: 129). Conforme um acordo entre os dois países, enquanto se definiam as fronteiras, as tropas foram retiradas e o forte "New Guinea" foi incendiado em 1° de setembro de 1842 (: 131). A chegada de forasteiros nos barcos para retirar as tropas foi acompanhada por uma epidemia de varíola entre os índios Macuxi e Wapixâna (: 152).

Rivière menciona que os brasileiros estavam constantemente preocupados com suas fronteiras distantes como continuam estando hoje em dia (: 138, nota 7). A preocupação dos britânicos foi expressa em termos da necessidade da "proteção dos índios" no território disputado, o governador da Güiana Inglesa argumentando que o território pertencia aos índios que "ávidos pela proteção oferecida pelos britânicos, cederam-no ao seu domínio" (: 145).

O interesse dos índios na "proteção britânica", embora não abordado de maneira direta por Rivière, torna-se inteligível, ao levar em consideração, o que emerge ao longo do livro (: 63, 155), que os britânicos lhes forneciam mais bens manufaturados que os brasileiros. O poder da Grã-

Bretanha sobre os índios reflete a desigualdade entre as duas nações, na época, na sua capacidade de fornecer bens manufaturados aos índios. A situação difícil em que se encontrava o governo brasileiro na época torna-se evidente na sua falha de enviar uma comissão de delimitação de fronteiras ao local a tempo. Além disso, o soldo no forte São Joaquim estava trinta e sete meses atrasado (: 156), o que não reforçava a lealdade de seus defensores. A declaração, citada por Rivière, de José de Araújo Ribeiro, enviado a Londres pelo governo brasileiro em 1843 para negociar um novo tratado comercial, lança luz sobre a conveniência política do argumento dos britânicos:

> quanto à proteção (dos índios), à qual se dava tanta importância, era, de fato, sem sentido, pois os mesmos índios visitaram a forte São Joaquim solicitando a proteção do governo brasileiro, o que era sua estratégia para obter presentes, que normalmente ganhavam nessas ocasiões (: 166).

Portanto, o tão batido argumento levantado pelos britânicos, de que eles estavam atendendo à solicitação dos índios de serem protegidos, revela-se como mais uma estratégia dos índios para ganhar bens manufaturados.

A disputa da fronteira somente foi resolvida em 1904, depois que o Brasil e a Inglaterra enviaram a questão ao arbítrio, e o rei da Itália, nomeado árbitro, pronunciou a sua decisão, delimitando a fronteira nos rios Maú e Tacutu.

Nas conclusões, Rivière apresenta as palavras do governador da Güiana Inglesa em 1844, para explicar a disputa sobre a fronteira: "Se não tivesse ocorrido o estabelecimento da nossa bem sucedida e agora abandonada missão religiosa em Pirara, não teria surgido a disputa sobre os limites do território" (: 169). O missionário Youd foi acusado pelo Barão do Rio Branco de sofrer de ganância imperialista (: 170). Rivière vê a atuação de Youd com os "diacríticos de inocência e ingenuidade e não de astúcia e maquinação política" (: 170), atribuindo sua vontade de acompanhar a expedição militar a Pirara a "uma preocupação única com o bem-estar espiritual e físico dos índios" e a crença de Youd que este "só poderia ser assegurado sob a proteção dos britânicos". Na perspectiva, enviesada por zelo missionário, de Youd, a ocupação territorial era de importância secundária e não passava de um meio para atingir um fim" (: 170).

Pode ser caracterizado como um estilo de política imperialista, da época, colorido pelo humanitarismo, ao se apresentar num discurso de "salvar os índios da escravidão". Rivière afirma que os britânicos expressavam sua preocupação sobre a soberania de Pirara menos num idioma de território disputado e mais como uma preocupação sobre a proteção de cidadãos britânicos, expostos à escravidão pelos brasileiros, se estes chegassem a controlá-lo (: 170). O acordo entre as duas nações de tratar o território como zona neutra centrava-se na questão da liberdade e da independência dos nativos.

A Grã-Bretanha condenou o tráfego de escravos em 1804 e aboliu a escravidão em 1834, pressionando o governo brasileiro a fazer o mesmo. A escravidão, abolida no Brasil em 1888, era ponto sensível nas relações entre os dois países, e o Barão do Rio Branco descartou as acusações de escravidão levantadas por Schomburgk como um exagêro que visava explorar os sentimentos filantrópicos do público britânico (: 171). Por um lado, na região amazônica, "a escravização nas formas mais tradicionais — apresamento direto, estímulo à guerra indígena para compra de prisioneiros —", continuava no século XIX (Hemming 1987: 211-220). "Até na Corte se encontravam escravos índios até pelo menos 1850" (Carneiro da Cunha 1992: 23). Por outro lado, Rivière revela os estreitos laços entre o *Colonial Office* e a *Church Missionary Society* na primeira metade do século XIX (: 171). O governador da Güiana Inglesa, como todos os outros protagonistas britânicos, colocou o bem-estar dos índios e a obrigação moral da Grã-Bretanha em suprimir a escravização de índios como motivos para justificar a reivindicação britânica do território em disputa.

Rivière argumenta que não há motivo para duvidar da preocupação sincera com o bem-estar dos índios. Porém, isso se revela como uma das maneiras em que se configurou o imperialismo britânico neste local e nessa situação específica. Rivière afirma que, sem dúvida, Schomburgk apoiou os esforços de Youd em trazer o cristianismo e a civilização aos índios e condenou o tratamento deles pelos brasileiros. Rivière acrescenta que, se é possível perguntar se a preocupação humanitária de Schomburgk não passava de uma cobertura para planos imperialistas, também se pode perguntar o contrário. E, mesmo que Schomburgk tivesse tido ambições imperialistas, ele não cogitava na ocupação do norte da bacia amazônica, acusação dirigida a ele por muitos brasileiros (: 175). Rivière afirma que

> Os brasileiros nunca perderam a convicção de que a ocupação militar de Pirara fazia parte de uma conspiração contra a soberania nacional na Amazônia, convicção que surge mais uma vez na obra de Arthur Ferreira Reis em 1968 [: 176].

Rivière prefere, conforme o título do livro, ver essa incursão militar britânica nas savanas de Pirara mais como "absent-minded imperialism" do que como parte de um plano imperialista contra o Brasil. Conclui, comparando o exemplo do século passado às preocupações internacionais atuais sobre o destino da região amazônica, que

> Muitos brasileiros hoje, como os cidadãos de outros países em desenvolvimento, se ressentem de que as nações desenvolvidas se enriqueceram à custa da exploração dos seus próprios ambientes, e agora estão tentando impedi-los a fazer o mesmo" [: 177].

Talvez um "absent-minded environmentalism"?

O livro tem grande mérito, ao apresentar um novo enfoque nessa disputa de fronteiras do século passado, ao justapor citações dos diversos protagonistas, apesar da narrativa ter um estilo que, em alguns trechos, padece de um excesso de detalhes, como, por exemplo: "Esses dois comissários chegaram a Belém no navio a vapor Guapiassú em 11 de julho e partiram para Manaus no mesmo navio no dia 28" (: 162). Mesmo que a intenção explícita do autor (: x), seja a de enfocar informações empíricas e tentar deixar os protagonistas falarem por si mesmos através de citações, sua estratégia acaba limitando a análise do material apresentado. Por outro lado, permite que o leitor faça a sua própria análise e tire as suas próprias conclusões.

BIBLIOGRAFIA

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (org.). 1992. *Legislação Indigenista no Século XIX.* São Paulo: Edusp/Comissão Pró-Índio de São Paulo.

HEMMING, John. 1987. *Amazon Frontier: The Defeat of the Brazilian Indians.* London: MacMillan.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. 1986. *"O Nosso Governo": Os Ticuna e o Regime Tutelar.* Tese de doutoramento apresentada ao PPGAS, Museu Nacional, Rio de Janeiro.

SANTILLI, Paulo. 1994. *Fronteiras da República: História e Política entre os Macuxi no Vale do Rio Branco*. São Paulo: NHII — USP/FAPESP.